

Banqueiro critica adoção da medida

SÃO PAULO — A possível decisão do Governo brasileiro em estender a moratória para o Clube de Paris poderá prejudicar a renegociação da dívida externa com os bancos credores, afirmou ontem o Vice-Presidente do Banco Mercantil de Crédito (BMC), José Baia Sobrinho.

Segundo ele, a medida será recebida com surpresa pelo sistema financeiro internacional, já que se criou grande expectativa em relação ao Plano de Consistência Macroeconômica, a ser anunciado nos próximos dias pelo Ministro da Fazenda, Bresser Pereira, no sentido de que ele seria uma forma de aproximar novamente o Brasil do Fundo Monetário Internacional(FMI).

— Não vejo razão para que o Governo anuncie agora a moratória com o Clube de Paris — comentou o banqueiro. Ainda mais que as reservas brasileiras começam a crescer em função do salto no superávit comercial nos últimos dois meses.

Já o Vice-Presidente do Banco Real, Juarez Soares, considera que a possibilidade de o Brasil decretar moratória com o Clube de Paris não deverá modificar muito o quadro atual. "Em termos práticos — salientou — nada vai ocorrer, já que os organismos financeiros governamentais que compõem o Clube de Paris já não vinham liberando recursos novos para o Governo brasileiro".

● **MODIANO** — Num momento em que há recuperação do saldo da balança comercial e que o Governo anunciou a disposição de fazer uma ampla negociação da dívida externa, a extensão da moratória — declarada em fevereiro aos bancos privados internacionais — aos bancos dos governos credores deve ter ocorrido por problemas de caixa. A opinião é do economista Eduardo Modiano, um dos pais do Plano Cruzado I. Ele acrescenta que apesar de os saldos da balança comerciais terem crescido, nos últimos meses, e haver perspectiva de aumentos para os próximos meses, isso pode ainda não ter se refletido no aumento das reservas cambiais. Dessa forma, a suspensão dos pagamentos deve ser temporária, opina.